

Primeira Linha

Estudo da FGV ressalta economia da religiosidade

Com muita originalidade, Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV-Rio), acaba de divulgar o mais amplo estudo já feito sobre economia das religiões. Na pesquisa, Neri e sua equipe detectam que o Brasil tinha, em 1872, 99,72% de católicos. Em seguida, houve natural perda e, entre 1991 e 2000, a taxa de católicos despencou, passando de 83,3% para 73,8%. No entanto, a partir daí manteve-se praticamente estável, fixando-se em 73,7% em 2003. Com isso, o Brasil é, de longe, o maior país católico do mundo, com 139 milhões de adeptos – à espera do Papa Bento XVI, que chega dia 9 a São Paulo.

Neri relaciona o aumento de evangélicos à busca por novas fontes, durante a crise econômica dos anos 80 e 90. E, com propriedade, destaca que a entrada efetiva da mulher no mercado de trabalho também contribuiu para mudar o panorama religioso do Brasil em décadas recentes. “Questões centrais para as mulheres de hoje, como contracepção, divórcio e conquista profissional são tabus para a Igreja Católica e a independência feminina conquistada nas últimas décadas foi acompanhada de revolução de costumes”.

Hoje há nada menos de 43,6 milhões de evangélicos, entre os quais 28,8 milhões de pentecostais – como a Igreja Universal do Reino de Deus – e 14,8 milhões de tradicionais. O economista enveredou por obras como *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalis-*

mo, de Max Weber, e admite que há uma relação entre o crescimento dos evangélicos e a nova economia, pois “o protestantismo tradicional liberou o cidadão comum cristão da culpa católica de acumulação de capital privado e as novas seitas pentecostais liberaram a acumulação privada através da Igreja. A maior ligação entre o espírito empresarial e a organização religiosa seria marca dos ramos religiosos emergentes no Brasil e América Latina”.

Explica Neri que a tese de Weber é a de que a Igreja Católica jogava para outra vida a conquista da felicidade, enquanto os evangélicos adotam visão mais pragmática em relação a sucesso empresarial. Informa o estudo que o ramo evangélico pentecostal recebe 44% de todas as doações feitas a igrejas, apesar de representar apenas 12,5% da população. Os evangélicos tradicionais são 5,7% da população e suas doações representam 22,7% do total. Portanto, nesses ramos há maior preocupação com as doações para financiamento das atividades religiosas.

Um aspecto quase desconhecido é que o número de padres e pastores tem representatividade no mercado de trabalho. Afirma o estudo que houve um boom em 2004, com a geração, só nesse ano, de 27 mil empregos diretos. Portanto, está lançado um novo e abrangente estudo, que tem tudo para provocar saudável polêmica tanto no meio econômico como religioso.